



Edward Said

Israel está

Aspectos políticos e religiosos

da questão palestina no marco dos

acontecimentos de 11 de setembro

e de seus antecedentes históricos

mais seguro?

“O mundo nos encurrala, pressionando-nos em direção à última passagem, e nós dilaceramos nossas pernas para atravessá-la”. Assim escreveu Mahmoud Darwish em agosto de 1982, logo após a saída da OLP de Beirute. “Para onde iremos além das últimas fronteiras, para onde voarão os pássaros além do último céu?” Dezenove anos mais tarde, o que tinha acontecido aos palestinos no Líbano lhes está acontecendo na Palestina. Desde que a Intifada de al-Aksa teve início em setembro passado, os palestinos foram isolados pelo exército israelense em nada menos do que 220 guetos separados, sujeitos a toques de recolher intermitentes, que geralmente duram semanas a fio. Ninguém – jovem ou velho, doente ou são, agonizante ou grávida, estudante ou doutor – ninguém pode se locomover sem perder horas nas barricadas, guarnecidas por rudes soldados israelenses, que não hesitam em humilhar. No momento em que escrevo, duzentos palestinos não podem receber hemodiálise. Por “questões de segurança”, o exército israelense não lhes permite viajar até os centros médicos. Será que alguém entre os numerosos membros da mídia estrangeira que cobrem o conflito escreveu artigo sobre esses jovens brutalizados recrutados israelenses, que tiveram como parte principal da sua incumbência militar o treinamento para castigar os civis palestinos? Acho que não.

Yasser Arafat foi impedido de deixar seu escritório em Ramallah para participar do encontro emergencial dos Ministros das Relações Exteriores da Conferência Islâmica no dia 10 de dezembro [de 2001] em Catar. Seu discurso foi lido por um assistente. Na semana anterior, o aeroporto a 25 quilômetros de Gaza e 2 velhos helicópteros de Arafat tinham sido destruídos por aviões e escavadoras israelenses. Não há ninguém, não há nenhuma força para checar, muito menos para prevenir as incursões diárias em território palestino de que é parte esse feito singular de ousadia militar. O aeroporto de Gaza era o único porto direto de entrada no território palestino; o único aeroporto civil no mundo arbitrariamente destruído desde a

Segunda Guerra Mundial. Desde o mês de maio passado, caças F-16 israelenses (gentilmente fornecidos pelos Estados Unidos) têm bombardeado e metralhado regularmente cidades e aldeias palestinas, no estilo de Guernica, destruindo propriedades e matando civis e oficiais de segurança (não há exército, marinha ou força aérea palestina para proteger as pessoas). Helicópteros Apaches (também fornecidos pelos Estados Unidos) usaram seus mísseis para assassinar 77 líderes palestinos por supostos crimes terroristas, passados ou futuros. Um grupo de funcionários, desconhecidos do Serviço Secreto israelense, tem autoridade para decidir sobre esses assassinatos, presumivelmente com a aprovação, em cada caso, do gabinete israelense e,

em geral, dos Estados Unidos. Os helicópteros também fizeram um trabalho eficiente ao bombardear instalações da Autoridade Palestina, tanto policiais quanto civis. Na noite de 5 de dezembro, o exército israelense entrou no escritório central da Agência Palestina de Estatística, em Ramallah, e levou os computadores e confiscou a maior parte dos arquivos e relatórios, apagando virtualmente todo o registro da vida coletiva palestina. Em 1982, o mesmo exército, sob as ordens do mesmo comandante, entrou em Beirute Ocidental e carregou documentos e arquivos do Centro Palestino de Pesquisa, antes de demolir o prédio. Alguns meses depois vieram os massacres de Sabra e Shatila.

Os homens-bomba do Hamas e da Jihad Islâmica têm obviamente feito seu trabalho. Sharon sabia perfeitamente bem que o fariam quando, depois de dez dias de calma nos enfrentamentos no final de novembro, ele ordenou repentinamente o assassinato do líder Mahmoud Abu Hanoud, do Hamas. Um ato planejado para provocar retaliações do Hamas e, dessa forma, permitir ao exército israelense retomar a matança de palestinos.

Depois de 8 anos de discussões estéreis sobre a paz, 50% dos palestinos estão desempregados e 70% vivem com menos de 2 dólares por dia.

Cada dia traz consigo usurpação de terras e demolição sem freio de casas. Os israelenses fazem questão de destruir até árvores e pomares nas terras palestinas. Embora nos últimos meses tenham sido mortos 5 ou 6 palestinos para cada israelense, o velho e obeso fomentador de guerras tem o atrevimento de continuar repetindo que Israel tem sido vítima do mesmo terrorismo que foi imposto por Bin Laden.

O ponto crucial é que, desde 1967, a ocupação militar por parte do exército israelita é ilegal. No gênero, é a ocupação mais longa da história e a única hoje em todo o mundo. É contra essa violência inicial e contínua que têm sido dirigidos todos os atos de violência palestinos. Ontem (10 de dezembro de 2001), duas crianças, de 3 e 13 anos de idade, foram mortas por bombas israelenses em Hebron; no entanto, ao mesmo tempo uma delegação da União Européia exigia que os palestinos reprimissem a violência e os atos de terrorismo. Hoje mais 5 palestinos foram mortos, todos civis, vítimas de bombardeios de helicóptero nos campos de refugiados de Gaza. Para piorar a situação, como resultado dos ataques de 11 de setembro nos Estados Unidos, a palavra "terrorismo" está sendo usada para obliterar atos legítimos de resistência contra a ocupação militar, como também para cercear qualquer conexão causal ou escrita entre o terrível assassinato de civis (ao que sempre me opus) e mais de trinta anos de castigo coletivo.

Qualquer especialista ou militar do Ocidente que pontifica sobre o terrorismo palestino precisa antes perguntar se é possível acreditar que o esquecimento do fato da ocupação possa deter o terrorismo. O grande erro de Arafat, consequência de frustração e maus conselhos, foi tentar fazer um acordo com a ocupação ao autorizar discussões sobre a "paz" entre descendentes de duas famílias palestinas proeminentes e o Mossad. Isso se passou em 1992, na Academia Americana de Artes e Ciências, em Massachussets. As discussões estavam todas relacionadas com a segurança de Israel. Nada foi dito sobre a segurança da Palestina, absolutamente nada, e foi ainda deixada de lado a luta de seu povo para alcançar um Estado independente. De fato, a segurança de Israel, e mais nada, tornou-se reconhecida prioridade

internacional, o que permite ao general Zinni e a Javier Solana admoestarem a OLP enquanto permanecem totalmente silenciosos em relação à ocupação. Dessa forma Israel tem-se beneficiado um pouco mais das discussões do que os palestinos. Seu erro tem sido o de imaginar que, iludindo Arafat e seu círculo com discussões intermináveis e concessões minúsculas, obteria o silêncio geral dos palestinos. Até aqui toda a política oficial israelense tem piorado – e não melhorado – as coisas para Israel. Façam a pergunta: Israel está mais seguro e é mais aceito hoje do que há dez anos? Sua atual guerra de ocupação está sendo mais bem-sucedida do que aquela que perdeu no Líbano?

Os terríveis e, na minha opinião, estúpidos ataques suicidas contra civis em Haifa e Jerusalém, ocorridos no primeiro fim de semana de dezembro, deveriam ser obviamente condenados. No entanto, para que a condenação tenha algum sentido, os ataques teriam de ser considerados no contexto do assassinato de Abu Hanoud, acontecido no início daquela semana. No contexto da morte de 5 crianças em Gaza, causada por uma armadilha israelense – para não mencionar as casas destruídas, os palestinos mortos em Gaza e na Cisjordânia, as constantes incursões dos tanques e a interminável desintegração das aspirações palestinas, minuto a minuto, durante os últimos 35 anos. Ao final, o desespero só produz maus resultados, nenhum deles de pior efeito do que o sinal verde que George W. e Colin Powell parecem ter dado a Sharon quando ele esteve em Washington no dia 2 de dezembro (sinal verde que nos remete ao outro que foi dado por Al Haig em maio de 1982). Junto com o apoio dessas figuras, vieram as habituais e fastidiosas declarações que transformam o povo sob a ocupação e o seu inepto e desafortunado líder em agressores mundiais que deveriam se incumbir de “levar à justiça” seus próprios criminosos, no mesmo momento em que soldados israelenses estavam demolindo a estrutura policial palestina, supostamente encarregada de executar as prisões.

Arafat está cercado por todos os lados, consequência irônica do desejo sem fundamento de ser todas as coisas palestinas para todo o mundo, tanto para os amigos quanto para os inimigos. Ele é a um só tempo uma figura tragicamente heróica e desastrada.

Nenhum palestino vai negar hoje sua liderança, pelo simples fato de que, apesar de todos os seus erros e evasivas, ele está sendo castigado e humilhado por ser um líder palestino. Nessa condição, sua mera existência ofende puristas (se for essa a palavra certa) como Sharon e seus financiadores norte-americanos. Com exceção dos Ministérios da Educação e da Saúde, que realizam um trabalho decente, a Autoridade exercida por Arafat resulta em triste fracasso. A corrupção e a brutalidade que a caracterizam advêm do modo aparentemente extravagante, mas na verdade muito meticuloso, como Arafat mantém todo mundo dependente da sua generosidade. Apenas ele controla o orçamento. Apenas ele decide o que vai sair na primeira página dos 5 jornais diários. Ele sabe o que está acontecendo e tem companheiros bem posicionados para incitar um pequeno ataque com pedradas nas ruas. Acima de tudo, ele manipula e coloca, uns contra os outros, os 12 ou 14 – alguns dizem 19 ou 20 – serviços de segurança

independentes que criou, todos estruturalmente leais aos seus respectivos líderes e, ao mesmo tempo, a Arafat. Todos incapazes de fazer algo para as pessoas do seu povo, a não ser prendê-las quando assim ordenados por Arafat, Israel ou os Estados Unidos. As eleições de 1996 foram projetadas para um mandato de três anos, mas Arafat tem hesitado em convocar novas eleições, que com certeza desafiariam seriamente sua autoridade e popularidade.

Desde os bombardeios de junho passado, ele mantém um bem divulgado acordo com o Hamas. O Hamas não perseguiria civis israelenses se Arafat deixasse os partidos islâmicos em paz. Sharon pôs fim ao acordo com o assassinato de Abu Hanoud. O Hamas retaliou e não havia nada que podia impedir Sharon de espremer a vida de Arafat, com o apoio norte-americano. Depois de destruir a rede de segurança de Arafat, suas prisões e escritórios, e prendê-lo fisicamente, Sharon fez exigências que ele sabe não podem ser cumpridas (embora Arafat, sempre escondendo cartas na manga, tenha surpreendentemente conseguido cumpri-las em parte). Sharon acredita tolamente que, tendo desobrigado Arafat, pode fazer uma série de acordos independentes com comandantes locais e dividir 40% da Cisjordânia e a maior parte de Gaza em vários distritos isolados, cujas fronteiras seriam controladas pelo exército israelense. Foge à minha compreensão supor que essas manobras tornarão Israel mais seguro, mas não fogem, infelizmente, à compreensão das pessoas com poder de relevo.

Isso deixa de fora três atores, ou três grupos de atores, dois dos quais não têm peso algum para Sharon em virtude do seu jeito racista. O primeiro grupo é formado pelos próprios palestinos, que são demasiadamente intransigentes e politizados para aceitar qualquer coisa que não seja a retirada incondicional dos israelenses. A política de Israel, como a de qualquer agressor do gênero, produz o efeito contrário ao pretendido: subjugar é provocar resistência. Se Arafat desaparecer, a lei palestina prevê que o presidente da Assembléia (um impopular e comum seguidor de Arafat, chamado Abul Ala, muito admirado pelos israelenses pela sua “flexibilidade”) assumirá o poder por 60 dias. Depois disso, acontecerá uma disputa pela sucessão entre outros companheiros de Arafat, como Abu Mazen, e dois ou três dos chefes de segurança mais importantes (e idôneos), em particular Jibril Rajoub, da Cisjordânia, e Mohammed Dahlan, de Gaza. Nenhuma dessas figuras tem a estatura de Arafat, ou qualquer característica que se assemelhe à sua (talvez agora perdida) popularidade. O resultado provável é o caos temporário. A presença de Arafat tem sido foco de organização para a política palestina, pela qual milhões de outros árabes e muçulmanos têm um interesse muito grande.

Arafat sempre tolerou – em realidade apoiou – uma pluralidade de organizações que ele manipula de vários modos, mantendo equilíbrio entre elas,

de modo a que nenhuma tenha predominância sobre a outra, com exceção do seu Fatah. Novos grupos, no entanto, estão emergindo: seculares, laboriosos, engajados e dedicados a uma sociedade democraticamente organizada numa Palestina independente. Sobre essas pessoas a Autoridade Palestina não exerce controle algum. É necessário que se diga que ninguém na Palestina está disposto a aprovar a demanda de Israel e dos Estados Unidos para se eliminar o “terrorismo”, embora seja difícil traçar, enquanto Israel continuar com seus bombardeios, uma linha na mentalidade pública que separe a aventura suicida da resistência à ocupação.

O segundo grupo é composto pelos líderes no restante do mundo árabe que têm um interesse particular por Arafat, apesar da evidente exasperação que ele lhes causa. Arafat é mais astuto e persistente do que eles, e sabe a influência que exerce sobre a mente popular nos seus países, onde ele cultiva tanto islamitas quanto nacionalistas seculares. Ambos se sentem atacados, embora os nacionalistas seculares quase não tenham sido notados pelo grande número de orientistas e especialistas ocidentais que consideram Bin Laden – e não o grande número de muçulmanos e árabes seculares que o detestam – o paradigma muçulmano. Agora que Arafat está encurralado, sua popularidade na Palestina disparou. Mas até muito recentemente tanto ele quanto o Hamas estavam praticamente nivelados nas urnas (oscilando entre 20 e 25% de aceitação), sendo que a preferência dos cidadãos não recaía sobre nenhum deles. A mesma divisão, com a mesma maioria rejeitando ambas as tendências, existe nos países árabes onde a maior parte das pessoas sente-se desmotivada pela corrupção e a brutalidade dos regimes, ou pelo extremismo dos grupos religiosos. A maioria dos grupos religiosos está mais interessada na prescrição dos comportamentos pessoais do que em assuntos como a globalização econômica, ou a geração de eletricidade e empregos.

Árabes e muçulmanos poderiam voltar-se contra seus próprios governantes diante da visão de Arafat sendo asfixiado até a morte pela violência israelense e a indiferença árabe.

Assim, ele é necessário no cenário atual. Sua saída parecerá natural somente quando emergir uma liderança coletiva na geração mais nova de palestinos. Quando e como isso acontecerá é impossível dizer, mas estou bastante convencido de que acontecerá.

O terceiro ator é Israel, onde um audacioso membro do Knesset, o palestino Azmi Bishara, foi privado da sua imunidade parlamentar e em breve irá a julgamento por incitar a violência, pois há muito tempo ele vem defendendo o direito palestino de resistência à ocupação, argumentando que, como em qualquer outro Estado do mundo, Israel deveria ser o Estado de todos os seus cidadãos e não apenas do povo judeu. Pela primeira vez, um desafio palestino de grandes proporções está sendo armado dentro de Israel (e não na Cisjordânia), com todos os olhos voltados para o processo. Ao mesmo tempo, o gabinete da Procuradoria Geral da Bélgica confirmou que pode ser instaurado nos tribunais daquele país um processo por crimes de guerra contra Sharon. Uma mobilização diligente da opinião secular palestina está em andamento e deverá pouco a pouco suplantar a Autoridade Palestina. O supremo preceito moral será em breve reclamado de Israel, na medida em que a ocupação se torne o foco das atenções e em que um número cada vez maior de israelenses perceba que não será possível mantê-la indefinidamente. Além disso, mais a guerra dos Estados Unidos contra o terrorismo avança, é quase certo que maior será a inquietação: longe de encerrar o processo, é provável que o poder norte-americano tumultue a situação de tal maneira que ela se torne incontrolável. É uma grande ironia que a renovada atenção sobre a Palestina tenha surgido devido ao fato de a coalizão anti-Talibã tê-la tornado necessária.

© Edward W. Said 2002

Traduzido do inglês por Vanderlei José Zachi | Revisão de S.S.

